Biologia do amar: pistas para recriar sensibilidade humana e ambiental

Biology of love: clues to recreate human and environmental sensitivity

Roque Strieder* Araceli Girardi**

Resumo

As crises econômicas, de recursos naturais e existenciais são reflexos de conflitos no âmbito cultural e no universo das experiências formativas. Crises que evidenciam o desencanto do ser humano, a sensação de vazio interior, o distanciamento inter-relacional, a ansiedade e a angústia traduzidas em estresse e enfermidades somáticas. Como alternativa a esse cenário intranquilo e ameaçador, o objetivo é propor uma possibilidade formativa a ser desenvolvida em escolas, como ações pedagógicas no âmbito da biologia do amar em consonância com a ternura. A investigação, com base em referenciais teóricos, tem como fonte principal as contribuições de Maturana e Yáñez (2009) e de Fernández (2010). Muitos são os aspectos que desencadeiam as crises existenciais do Homo sapiens demens. Se amar e a ternura compõem a complexidade da gênese humana, é salutar sua transposição como ação pedagógica capaz de desencadear o dar-se ao receber, o ajudar-se ao ajudar, o encontrar-se consigo no encontro com um tu, o abraçar-se abraçando, o aprender-se na aprendência com outros.

Palavras-chave: Biologia do amar. Educação. Ser humano. Ternura.

Abstract

The context of crises, economic, natural and existential resources, are reflections of crises in cultural scope and also crisis in the universe of formative experiences. Crises that show the human's disenchantment, the feeling of inner emptiness, interrelational distancing, anxiety and anguish translated into stress and somatic illness. As an alternative to this restless and threatening scenario our objective is to propose a formative possibility to be developed in schools, as pedagogical and formative actions in the sphere of biology of loving in harmony with tenderness. The investigation, based on theoretical references, has as main source the contributions of Maturana and Yáñez (2009) and Fernández (2010). For the authors, many are the aspects that unleash the existential crises of Homo sapiens demens. If love and tenderness make up the complexity of human genesis, it is salutary to transpose it as a pedagogical action capable of unleashing giving oneself in receiving, helping oneself in helping oneself, finding oneself in meeting one's self, embracing oneself embracing, learning from learning together with others.

Keywords: Biology of love. Education. Human being. Tenderness.

Recebido em 16/02/2018 - Aprovado em 11/10/2018 http://dx.doi.org/10.5335/rep.v26i1.7213

- Doutor em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc). E-mail: roque.strieder@unoesc.edu.br
- Doutoranda em Educação na Unoesc. Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Unoesc. Professora da Rede Municipal de Ensino de Monte Carlo, SC. E-mail: araceli.girardi@gmail.com

Introdução

Não é novidade a situação preocupante de nossa condição humana, bem como a dos recursos naturais do planeta. É oportuno, no momento, juntamente com a procura de diversas causas originárias, o envolvimento no sentido de criar estratégias educativas alternativas.

Os conflitos econômicos e de recursos naturais são reflexos da crise cultural. Crise esta que evidencia o desencanto do ser humano, a sensação de vazio interior, o distanciamento inter-relacional, a ansiedade e a angústia traduzidas em estresse e enfermidades somáticas. Enfermidades psicossomáticas acentuadas pelo eficientismo utilitarista, pela cronometria, pelas metas a cumprir e pelo consumismo como fonte hedonista. Convivemos com a radicalização da violência e da agressividade que se polarizam em atos de terrorismo, confrontos étnicos e religiosos, delinquência, corrupção e indiferença. Vivemos, na contemporaneidade, de forma intranquila o empobrecimento e a fragilização das relações afetivas, amorosas e de amizade, como experiência para a criação de outras formas interacionais e portas para a emergência de uma ética diferente. O esfacelamento da teia afetiva, juntamente com o esvaziamento de vida, tem graves implicações nos âmbitos da vida individual e coletiva.

É num viés alternativo a esse cenário intranquilo e ameaçador que o objetivo deste texto é propor uma possibilidade formativa como alternativa a ser desenvolvida em escolas, reanimando a dinâmica da sensibilização como regeneração da confiança para consigo, com os outros, com as coisas do mundo e com a biosfera. Tem sentido um linguajar e ações pedagógicas realizarem-se no âmbito da biologia do amar em consonância com a ternura?

Assim, ao refletirmos sobre as temáticas ser humano e educação, na perspectiva do amar, tornam-se necessárias reflexões acerca das emoções e das relações de convivência humana e ambiental. O ser humano, como ser biológico e cultural, necessita da aproximação com o outro e o ambiente para partilhar sua existência em um determinado contexto cultural e ambiental. Eis o que requer um desafio pedagógico e formativo, que possa reconhecer o amar como uma das dinâmicas formativas no âmbito da interdependência humana e ambiental.

Iremos abordar conceitos e princípios fundamentais que envolvem o ser humano e a educação sob a perspectiva da biologia do amar. Para tal, realizamos uma pesquisa bibliográfica, tendo como fonte principal as contribuições de Maturana e Yáñez (2009) e Fernández (2010).

Segundo Maturana et al., "[...] num mundo em que as pessoas conseguem dar-se conta de seus critérios de validação por meio da reflexão, e optam por pensamentos, palavras e acões em e desde a biologia do amar, surge espontânea a harmonia antroposfera-biosfera e com isso o bem-estar de toda a existência" (2009, p. 130).

O ser humano, reconhecido como tal, desde o princípio humanizador, apresenta a linguagem como dinâmica biológica, constituída a partir de sons, imagens, signos, cores, ritmos, gestos, entre outros aspectos. A natureza humana ancora-se em processos de convivência, o que significa não somente existir e viver, mas coexistir e conviver. Se as relações de convivência forem fragilizadas, abrem-se as portas para manifestações desumanas, com requintes de violência e crueldade.

Para Maturana e Yáñez (2009), a noção de matriz biológico-cultural da existência humana conota o entrelaçamento biológico-cultural do viver humano em redes de conversações. O linguajear¹ integra a constituição do ser humano e o seu relacionar-se com os outros. Esse *linguajear* vai além do ato de expressar a fala, uma vez que compõe a essência do coexistir e do conviver consigo e com o outro. Um conversar que motiva o respeito consciente e reflexivo nas interações cotidianas, pois todo encontro entre seres humanos, em que não há agressão recorrente, é uma operacionalização de confiança, implícita da biologia do amar.

Segue uma reflexão olhando a contemporaneidade e, nela, o nascer de uma oportunidade para convívios na biologia do amar e da ternura. Abriremos espaço para trazer conversas entre a biologia do amar e a ecoternura. Destacamos que ações pedagógicas podem oportunizar o desenvolvimento de experiências formativas tendo em sua gênese a biologia do amar e da ternura. De mãos dadas, no amar e na ternura, as diversas dimensões do coexistir e do conviver humanos possibilitam o respeito e a confiança em si, como também o respeito e a confiança nos outros, viabilizando a antroposfera, bem como o respeito e a confiança responsáveis pelo uso de recursos naturais, viabilizando a biosfera.

Contemporaneidade: uma oportunidade para a biologia do amar

O ser humano do século XXI prefere permanecer isolado do convívio de pessoas. Escolhe estar conectado em redes "sociais", chat, bate-papo virtual, recebe e envia informações em tempo real utilizando produtos da tecnociência, como computador, celular, internet, dentre outros.

Percebe-se uma transformação no convívio social que, segundo Maturana e Yáñez (2009), resulta de uma mudança cultural. Para os autores, uma mudança cultural é uma mudança na configuração do emocionear² e do agir dos membros que integram determinada cultura, na qual tem lugar uma mudança na rede fechada de conversações que, originalmente, definia a cultura que muda.

Maturana e Yáñez (2009) são enfáticos ao afirmarem que necessitamos conviver como seres humanos para sermos humanos. Necessitamos de um conviver social para sermos sociais. Porém, vivemos a negação sistêmica das condições relacionais, prática realizada de maneira consciente e inconsciente em diversos lugares, nas instituições escolares, nas ruas, no trabalho, no ambiente familiar, nos espacos recreativos, nos meios de comunicação, etc.

Maturana e Yáñez acreditam que a caminhada humana deve ter iniciado a três milhões de anos, dentro de

[...] uma linhagem de primatas bípedes, com o ocorrer da família ancestral como um pequeno grupo de convivência no prazer de compartilhar companhia, carícias e alimentos, no qual surgiram, como simples consequência da intimidade desse conviver, o linguajear e o conversar como o próprio conviver no fluir recursivo das coordenações de coordenações de fazeres e emoções no prazer do fazer juntos os fazeres cotidianos (2009, p. 49, grifos dos autores).

Para descrever essa longa trajetória histórica da humanidade, Maturana e Yáñez propõem sua divisão em cinco eras psíquicas, tomando como referência o fluir dos sentires que acreditam ter guiado o devir das transformações no decorrer desses três milhões de anos. Justificam essa opção por terem se dado conta "[...] de que o que guia o curso do viver dos seres vivos em geral e dos seres humanos em particular são as emoções, os desejos e as ganas, isto é, nossos sentires relacionais íntimos" (MATURANA; YÁÑEZ, 2009, p. 50, grifo dos autores).

Segundo Maturana e Yáñez (2009) as distintas eras psíquicas da humanidade possuem semelhança com a dinâmica histórica de transformação integral da psique humana, desde sua concepção, passando pela infância, juventude, condição adulta e maturidade reflexiva.

As eras psíquicas destacadas pelos autores são: Arcaica, Matrística, Apoderamento, Moderna, Pós-moderna e Pós-pós-moderna. A descrição rápida é feita com base nas reflexões de Maturana e Yáñez (2009, p. 33-50).

A Era Psíquica Arcaica tem como dinâmica emocional fundamental o amar como um suceder espontâneo. Esta era refere-se à origem do humano, da família como modo permanente de coexistir e de conviver na intimidade do prazer e do bem-estar psíquico-corporal-relacional, vivenciados na naturalidade de seu suceder. Tal era finaliza com a necessidade explicativa, nascendo um diferente sentir, que leva a uma diferente rede de conversações e diferentes fazeres.

A Era Psíquica Matrística³ apresenta como dinâmica emocional fundamental o amar como um coexistir e conviver desejado. Esta é a era do homo sapiens--amans-amans, uma forma de coexistência e de convivência em pequenos grupos que colaboram nos fazeres de participação no coexistir e no conviver cotidiano, e, unidos na sensualidade, ternura e sexualidade realizam um âmbito de bem-estar. A partir desta era, vivemos a geração de mundos culturais, e o conhecimento dos mundos vividos possibilita ampliar a consciência da unidade do e no coexistir. Tal era será substituída quando os sentires, que conservam o bem-estar no conviver, deixarem de amparar-se na confiança espontânea, trazendo a insegurança, a desconfiança e o medo, que abrem as portas para a necessidade de controle.

Na Era Psíquica do Apoderamento, a dinâmica emocional fundamental é a apropriação da verdade e a veneração da autoridade. Trata-se da era do despertar da consciência manipulativa na expansão da habilidade manual e explicativa no fazer e no conviver. Ela possibilita o sentir do apoderar-se dos mundos que surgem no conviver, desde a autoridade que se exerce a partir do medo até a dor. O apoderamento viabiliza a justificação racional de discriminação, dominação, subjugação, hierarquia e obediência. Perde-se a confianca nas coerências do mundo natural, enquanto se expande o desejo de controle no apoderamento de tudo. Essa perda da confiança nas coerências do mundo natural faz aparecer a insegurança e o medo, bem como o consequente desejo de poder em busca do domínio sobre as coisas naturais, sobre os outros e sobre deus. É nessa era que se constitui a linhagem humana do Homo sapiens-amans e agressans, que guia seu viver na agressão e na dominação. Também se constitui a linhagem humana do Homo sapiens-amans arrogans, que guia seu viver na arrogância e na vaidade. Essas duas linhagens geram a Era Psíquica Moderna.

Na Era Psíquica Moderna, a dinâmica emocional fundamental é o domínio da autoridade e a alienação no poder, um poder de autoridade que se encontra na obediência. É a era da expansão do saber da ciência e da tecnologia, do conhecimento, da aproprição e do domínio do mundo natural em que se vive, porque se crê e se sente ser possível conhecê-lo, dominá-lo, e o dominamos. A confiança no conhecimento da realidade, por meio da autoridade da razão e via tecnociência, é a certeza da geração de bem-estar para a humanidade. Tendo a razão como referência, é possível saber o que é bom para o outro, o que, por sua vez, justifica a imposição desse saber. Dessa forma, já não é a compreensão o fator central no coexistir e no conviver, mas sim o ter a razão. Conhecimento racional significa poder que requer obediência, para obter, a qualquer custo, os resultados desejados e não a colaboração. Como se nega o amar no conviver, gera-se dor e sofrimento. Porém, se a negação do amar ainda nos causa dor e sofrimento e desejamos reconectarmo-nos no amar, mesmo que travestido de justificativas racionais como bondade, solidariedade e compaixão, persistem, numa configuração inconsciente, os sentires relacionais íntimos da emoção do amar que funda nossa condição humana. A geração da dor e do desamar no viver e no conviver abre as portas para uma nova era psíquica, a Pós-moderna.

A Era Psíquica Pós-moderna tem como dinâmica emocional fundamental o domínio da confiança do saber que se sabe e se crê saber. É a tentação da onipotência a partir do conhecimento racional, e, como era de dominação cultural da tecnociência, cremos tornar-se possível fazer tudo o que imaginarmos ao agir dentro das coerências operacionais do domínio em que o imaginamos. É a era das alienações ideológicas, da liderança na apropriação da verdade única, da manipulação na desonestidade, na irresponsabilidade, e de uma cegueira intencional ante a geração de dor e sofrimento, seja no âmbito da antroposfera ou da biosfera. No lugar da confiança, do respeito por si mesmo e do respeito mútuo, aparece o contrato e a entrega da autonomia e da responsabilidade do conviver e fazer a um eleito, considerado superior. Seres humanos desaparecem em sua legitimidade, porque são transformados em meros instrumentos de realização dos desígnios e desejos de outras pessoas empoderadas. Mais uma vez, a dor e o sofrimento, gerados pela negação do humano, não afastam por completo a nossa dimensão amorosa, e nos ocorre a possibilidade do desapego às certezas, predispondo-nos à reflexão sobre nossos coexistir e conviver. Sonhamos uma nova era psíquica, a Pós-pós-moderna.

Na Era Psíquica Pós-pós-moderna, a dinâmica emocional fundamental é o surgimento da reflexão e da ação ética consciente, como uma oportunidade. Tem como questões provocativas: "Como estamos fazendo o que estamos fazendo?"; "Como é que, embora algumas vezes declaremos que o conhecimento, a ciência e a tecnologia nos levariam a ampliar o bem-estar no viver e conviver humano, geramos tanta dor e sofrimento?" (MATURANA; YÁÑEZ, 2009, p. 45). É a era da oportunidade para recriar a responsabilidade ética na antroposfera e na biosfera, desde a ampliação da consciência de que nossas cegueiras éticas e ecológicas são as geradoras da dor e do sofrimento, tanto na antroposfera quanto na biosfera. Se fizermos com responsabilidade essas reflexões, perceberemos que todas as alienações, sejam

[...] cognitivas, sejam ideológicas, tecnológicas, religiosas, filosóficas, políticas, ou perseguidoras do controle, da eficiência, da ambição e da aspiração ao poder, geram mal-estar, dor e sofrimento em todas as dimensões do conviver, porque nelas as pessoas, os seres vivos em geral, pouco a pouco desaparecem nas sombras tirânicas das cegueiras de seu raciocinar desde a onipotência (MATURANA; YÁÑEZ, 2009, p. 45).

O caminho da reflexão-ação ética possibilita o ressurgir da honestidade, da prudência e do desejo do colaborar e do coinspirar. A era Pós-pós-moderna pode viabilizar o surgimento da consciência e da compreensão da matriz biológico-cultural da existência humana:

[...] que gera, realiza e conserva o humano como gerador do cosmo que vivemos como âmbito relacional e operacional em que se dá o presente. Vivemos as seguintes dimensões psíquicas: i) Consciência e desejo da reflexão-ação ética; ii) Consciência da pertença a antroposfera e a biosfera; iii) Consciência de cuidado e responsabilidade pela biosfera e pela antroposfera (MATURANA et al., 2009, p. 51).

A Era Psíquica Pós-pós-moderna tenta trazer consigo a presenca integral do ser humano, possibilitar a passagem para a colaboração da autonomia reflexiva e de ações na coinspiração de projetos comuns, relacionados ao renascimento dessa colaboração. Se entendermos como aceitável o desapego às alienações, à onipotência e à apropriação, podemos reiniciar a caminhada em direção "[...] aos fundamentos psíquicos-biológicos de nosso existir humano amoroso como Homo sapiens-amans amans" (MATURANA; YÁÑEZ, 2009, p. 46).

O reencontro com a consciência da reflexão ética nas ações, com a consciência da pertença à antroposfera e à biosfera e com a consciência do cuidado torna possível a ascensão e a ampliação da visão sistêmica que constitui o ser humano como ser reflexivo sobre seu viver e os tantos mundos que poderão ser gerados a partir dele.

A era Pós-pós-moderna começará quando percebermos que

[...] o saber seria a relação do homem com a exterioridade, a relação do mesmo com o outro, em que o outro se encontra, finalmente, despojado de sua alteridade, se faz interior ao meu saber e sua transcendência se faz imanência. Os indivíduos humanos seriam humanos pela consciência (LEVINÁS, 2004, p. 230).

A consciência nos torna humanos criadores e geradores de possibilidades de um coexistir e um conviver na harmonia, sem negação de si próprio e do outro. Nessa perspectiva, o convívio responsável inter-relacional volta-se às ações conscientes, como oportunidade de escolher existir no coexistir, viver no conviver e na autonomia reflexiva sem causar dano, de forma reiterada aos outros e ao entorno ambiente.

Para Maturana et al. (2009), no acontecer da era Pós-pós-moderna, educamo--nos em nosso conviver cotidiano, no operar ético que se funda em três pilares de conduta espontânea, ou seja, pilares de conduta social responsável. Os três pilares, segundo os autores, são: "[...] o saber, o compreender e o ter à mão uma ação adequada à circunstância que se vive" (2009, p. 64).

A importância dos pilares está relacionada ao ser humano e seu agir nas diversas circunstâncias desenvolvidas no dia a dia, ao desejarmos coexistir e conviver socialmente. O primeiro pilar, "o saber", refere-se ao dar-se conta da natureza da encruzilhada social e ecológica vivenciada e das ações escolhidas que, se não efetivadas, resultam em cegueira e ausência de consciência, características das eras

do empoderamento, moderna e pós-moderna. É fazer consciente porque sabemos, efetivamente, que a dor e o sofrimento, em nossa atualidade, são gerados por nós mesmos, devido aos apegos ao lucro e ao poder. Consciência do saber que toda dor e todo sofrimento que geramos, desde os apegos ao lucro e ao poder, assumidos na Era Psíquica Pós-moderna, projetam-nos para a era Pós-pós-moderna, com a possibilidade do ressurgimento da consciência ética no coexistir e no conviver cotidianos. O saber nos tira da cegueira e da não consciência de que diferentes acões podem ser realizadas.

"O compreender" refere-se a ver as distintas consequências sociais e ecológicas, de ações entre as quais se pode escolher. A compreensão leva ao reconhecimento de que o saber que se sabe resulta em ações adequadas às encruzilhadas sociais e ecológicas vividas nos cotidianos. O terceiro, "uma ação adequada à mão", associa-se a um fazer oportuno, preparar meios adequados na concretização das ações a partir das escolhas feitas. Sem o saber e sem a compreensão, os fazeres possíveis serão frágeis e inoportunos, e o mais provável é que resultem em paralisia, abandono, raiva, indignação e depressão. Para Maturana et al.:

Se se sabe qual é a encruzilhada relacional social e ecológica que se vive na antroposfera e quais são as ações possíveis; se se compreendem as possíveis consequências na antroposfera e na biosfera de escolher uma ou outra dessas ações possíveis, e se se tem a ação adequada (ética) à mão, não é possível não escolher a conduta social responsável sem atuar de má fé (2009, p. 64).

Segundo Maturana et al., a história dos seres vivos:

[...] tem transcorrido num devir de continua mudança em torno da conservação do viver. Por que não poderíamos nós seres humanos gerar uma história cultural de contínua mudança em torno da conservação do bem-estar no respeito mútuo e na co-inspiração reflexiva, que leva a conservar esse conviver e a corrigir os erros que nos afastam dele em todas as redes de conservações que venhamos a gerar? (2009, p. 74).

Podemos considerar, com base nesse questionamento, que a educação é uma transformação reflexiva na convivência. É na transitoriedade do viver humano que se pode viver no caminho do amar, uma vez que:

O humano ocorre no efêmero, no trânsito entre um começo e um fim, e é nesse trânsito que se pode dar um viver no presente na conservação consciente do bem-estar que se vive quando se vive sem apego nem rejeição à consciência do efêmero que nos faz humanos, e humanos na biologia do amar (MATURANA et al., 2009, p. 101).

Maturana e Yáñez (2009) nos levam ao saber e ao compreender que a convivência tem a ver com as emoções do respeito, do amar, da possibilidade de escutar e respeitar-nos nas discrepâncias. Para os autores, o amar é o fundamento do coexistir e do conviver individual na reflexão-ação-ética, como o acontecer de um processo de transformação reflexiva na convivência educativa, capaz de levar a uma ação adequada.

Se o caminhar humano pelas eras psíquicas passa de um viver e conviver em colaboração e um amar, para as eras nas quais a consciência manipulativa, o domínio da autoridade no poder da obediência, para uma era de alienações ideológicas da verdade única e da manipulação na desonestidade, e que elas causam a fragilização das relações, um esvaziamento afetivo, precisamos de diferentes sentires e fazeres capazes de reacenderem e fortalecerem ações éticas conscientes. É nesse sentido que propomos a biologia do amar como potencializadora de ações pedagógicas alternativas.

Educar um exigente caminhar junto: amar e ternura

Na atualidade, necessitamos de compromissos e de consciência em relação às ações e às condutas para conosco, para com o outro e com o meio habitado. A conduta humana nasce no âmbito da emoção, ela organiza o espaço-operacional nos sentires e fazeres do ser humano, como ser humano.

Segundo Maturana e Yañez, os seres humanos, existem na contínua geração de mundos que surgem e são vividos:

[...] de um lado, no entrelaçamento recursivo de nossa dinâmica biológica, que é o espaço de existência desde onde somos seres vivos, e, de outro, no linguajear, que como fluir consensual de coordenações de coordenações de fazeres constitui o âmbito relacional em que existimos como seres humanos na realização biológica da materialidade de nosso viver (2009, p. 73, grifo dos autores).

Nós, como seres humanos legítimos, existimos no linguajear, realizamos reflexões e questionamentos como fluxos do linguajear, fenômeno que acontece no coexistir e no conviver em processos que geram explicações sobre a origem das expectativas de desenvolvimento do entendimento dos seres vivos e, em particular, dos seres humanos.

Assim, segundo Maturana e Yañez, o entendimento:

[...] é um ocorrer biológico possível graças ao operar do sistema nervoso, seja ele um sistema celular ou um sistema molecular, conforme os elementos operacionais que o compõem sejam mudanças de relações de atividades neuronal ou dinâmicas de mudanças de relações moleculares, mas ocorre como um viver relacional do organismo (2009, p. 75).

Nesse sentido, o sistema nervoso atua como uma rede fechada de mudanças de relações de atividades entre seus componentes, e em seu operar não faz diferença entre o que é interno e o que é externo ao organismo. O organismo interage com o meio, já o sistema nervoso não interage com o meio.

Esse diferente entendimento pode promover a mudança e tornar viável a geração de uma cultura da ternura, como inerente ao amar. Para Fernández, o reencontro das atividades pedagógicas da e na sociedade ocidental, ao postular a biologia do amar, requer uma cultura da ternura capaz de compreender:

1) O papel decisivo da ternura no acabamento das estruturas cerebrais mais imaturas com as quais o ser humano nasce determinando o equilíbrio ou desequilíbrio agressividade-ternura. Esta origem comum capacita-a para se opor a deficiências e desordens provocadas por sua carência.

[...]

- 3) sua capacidade para conectar-nos com os processos de origem de nossa vida, gerando processos de "reprogressão" determinantes na facilitação do que temos denominado "mudança de pensamento" e "mudança de mentalidade".
- 4) [...] uma certa tendência a apontar para o mundo da relação mãe-criança, e por fim da "ternura tutelar", como "o ponto de partida de toda subjetividade ulterior", como este núcleo último onde se dão a simbiose entre natureza (genética e biologia), história, cultura, memória e afetos, a partir de onde surge nossa subjetividade [...]. Isto nos permitirá mostrar a "ternura" como o espaço em que emerge a autoconsciência da criança e a origem da identidade pessoal e, por isso, como o berco do Ser... (2010, p. 51-52).

A ternura, desde os primeiros momentos de vida cultivados pela mãe e articulados aos ambientes familiar, social e pelas circunstâncias históricas, torna-se um albergue no seio do qual se faz possível a biologia do amar. Na primeira etapa de vida da criança, constitui-se a chave perceptiva do numinoso, uma espécie de passagem, de transcendência espiritual, social, psicológica e pedagógica. A ternura tem como fundamento principal a proximidade que ampara, na qual o ser humano acolhe em seu interior o núcleo e a raiz antropológica da esperança, da fé e do amar.

Para Fernández, o ser humano se convenceu que seu nascimento, como pessoa/persona, não é um fato biológico ou automático,

[...] mas precisa de um segundo útero, social ou psíquico, fundamentalmente constituído por uma atmosfera de ternura que pressupõe o pessoal e o afetivo, sem a qual o dito ser humano permaneceria bloqueado no estágio prévio da mera potencialidade humana. A importância do fato deste nascimento sociológico e cultural do sujeito humano radica em que será verdadeiramente constituinte de sua própria mesmidade e, portanto, necessário para sua constituição como pessoa (2010, p. 58).

A escola educadora, seja no âmbito da educação infantil seja do ensino fundamental, pode significar esse segundo útero. É uma simbiose educadora/criança em ternura, que possibilita a liberdade individual e a autonomia, desperta a autoconsciência, a partir da reflexão de que o ser humano criança é fruto do amar no conviver com outros. A presença do outro é de fundamental importância no reconhecimento do mundo que o envolve. É ele que possibilita uma relação sadia e positiva de respeito e segurança de si mesmo. A ternura precede, vivencia e sucede

a confiança amorosa de si com os outros e a capacidade de visar um futuro com esperança e projetar-se nele, porque construído por si.

Ser terno com as pessoas, com o mundo e com os objetos pressupõe a desistência em apoderar-se do outro, de causar dor e sofrimento ao outro no contexto da antroposfera e/ou da biosfera. Nesse sentido, os seres humanos encontram-se ainda em abismos de ignorância, em abismos de perdas, porque o apego violenta e registra-se em fracassos que expõem essa condição de pessoas desumanizadas, incapazes de conviver no amar e na biofilia. Insistimos em permanecer, praticamente, cegos em termos éticos e ambientais, por negarmos que o mal-estar na contemporaneidade e os danos causados à antroposfera e à biosfera são nossas criações.

Mesmo vivendo numa configuração inconsciente de sentires relacionais que negam a colaboração e o amar, somos seres humanos com possibilidades para construir reflexões e acões éticas conscientes e vivenciar a ternura como sendo nosso ser, vivenciar num conjunto social dedicado a colocar limites na agressividade, para que esta não se transforme em violência destruidora.

Conforme Restrepo (1998), a distância entre poder, alienação, cegueira, violência e ternura, tanto em seus matizes táteis como em suas modalidades cognitivas e discursivas, tem sua raiz na dificuldade dispositiva do ser terno para aceitar o diferente, para aprender com ele e respeitar seu ser singular sem querer dominá-lo, privilégio da lógica homogênea da era do apoderamento e da onipotência do saber que se diz saber.

O ser humano pode falar de ternura em diversos contextos de seu existir, como na política, na pesquisa, na cultura, na academia e no conviver e coexistir individual e social. Todos esses espaços exigem a abertura desse ser humano para a dinâmica da reflexão, da ação e da imanência, como sujeito singular convivendo em espaços topológicos de interdependência e fascínio pelo jogo de descobertas de si na aceitação do outro e dos recursos ambientais.

Para Maturana e Yañez, a descoberta de si e a aceitação do outro fazem dos seres humanos o presente de "[...] uma linhagem de primatas bípedes cujo devir evolutivo se produziu em torno da conservação de um conviver no amar, na ternura e na sensualidade num espaço relacional que surgiu com a constituição da família como um âmbito pequeno de colaboração no linguajear" (2009, p. 84).

Maturana e Yañez (2009) reafirmam que o modo de coexistir e de conviver prescinde das distinções, classificações, desigualdades, cobranças e intenções. Para os autores, o amar ocorre no fluir do viver no presente, na legitimidade de tudo, que se esmera na espontaneidade,

[...] sem dualidade, sem fazer distinções de bom e mau, de belo e feio. Isto é, o amar ocorre no fluir do viver em que alguém vive no domínio das condutas relacionais através das quais esse mesmo alguém, a outra, o outro e tudo o mais, surge sem intenção ou propósito como legítimo outro na convivência com alguém. O amar é visionário, pois ocorre na ampliação do ver (do ouvir, do sentir, do cheirar, do tocar) próprio do espaço das condutas relacionais que ocorrem sem preconceitos, sem expectativas, sem generosidade, sem ambicão. O amar não quer e nem busca as consequências do amar. O amar não é bom e nem mau, simplesmente é o viver no bem-estar trazido pelo viver sem sofrimento que traz o apego ao valor ou sentido que se vê no perdido ou no que se pode perder (2009, p. 83-84).

Então, as emoções que fundamentam o amar são a ternura, a sensualidade, a proximidade com o outro, a gratuidade e o perdão. O amar é o fundamento principal do bem-estar corporal e psíquico e contempla todas as dimensões do viver humano. Esse amar sustenta a pedagogia do aprender, sustenta as experiências formativas também na espontaneidade do ser, em sentires e fazeres que consistem na renúncia das certezas, das exigências, das expectativas, dos juízos, dos preconceitos, das cegueiras e do desrespeito pelo outro.

Segundo Maturana, o amar é a emoção que constitui "[...] o domínio de ações em que as interações recorrentes com o outro fazem do outro um legítimo outro na convivência" (1998, p. 22), que, levado para o seio pedagógico e educacional, implica seriedade, exigência intelectual, cuidado, acolhida e ajuda. O autor enfatiza que nós, seres humanos, nos originamos no e do amar, por isso somos dependentes dele, e em sua ausência adoecemos. Na vida humana, a maior parte do sofrimento vem da negação do amar: os seres humanos são filhos do amar.

A linhagem humana, tanto quanto as experiências formativas e de aprendizagem, é dependente do amar. A história evolutiva humana, desde seu princípio, conserva um modo de vida em que o amar, a aceitação do outro como legítimo, é uma condição fundamental no desenvolvimento físico, comportamental, espiritual, social e psíquico do ser humano, tanto para o pleno desenvolvimento infantil como para a fase adulta.

Para Restrepo, "[...] a ternura, como alimento do amar, é um termo médio entre o amar e o ódio" (1998, p. 63). Ambas as emoções, amor e ódio, são emoções humanas, elas nos constituem como Homo sapiens / demens e marcam presença no cotidiano. À educação cabe orientar qual dessas emoções deve ser privilegiada e recorrente nas convivências, nos âmbitos de sala de aula, família, trabalho, entre tantos outros.

Nessa direção, a afirmativa de Restrepo (1998) é indicativa do quanto a ternura, como impulso tutelar, é o caminho a ser percorrido quando e por que nos damos conta da falibilidade humana, da proximidade do ódio e da facilidade com que nos convertemos em sujeitos capazes de maltratar, causando dor e sofrimento.

Nós, seres humanos, vivemos oscilando entre amar e odiar, mas reconhecemos, juntamente com o processo de humanização, que a chave estava e está na capacidade de oferecer e partilhar a ternura como conduta social no coexistir e no conviver com o outro. Quando nossas ações e condutas relacionais atingirem a fronteira entre o amar e o odiar, a ternura, uma espécie de urdidura afetiva – um tecido afetivo -, lança-nos nos braços das benesses da convivência como diferentes.

Uma pedagogia que reconhece a biologia do amar entende que existe uma gama enorme de jeitos e redes de conversações, capazes de criar condições, ambientações e ações para que o ser humano, criança, adolescente ou adulto, conviva no amar, no respeito e na proximidade do outro. Ela reconhece que a linhagem humana se fundamenta em encontros e no amar espontâneo.

É relevante assegurar, como propõem Maturana e Yáñez (2009), pela formação, que a linhagem Homo sapien-amans amans persiste num conviver que conserva a configuração de sentires relacionais íntimos com relação a si mesmo e aos outros, a partir do amar e da ternura, num fluir do emocionear.

Maturana e Yañez afirmam que nós, seres humanos,

[...] existimos nos mundos que geramos em nossas coordenações de fazeres e emoções de modo que nossas emoções continuamente constituem o fundamento e o caráter relacional de nosso viver ou nosso conviver conosco mesmo e com os outros. Entre todas as emocões que vivemos no fluir de nosso emocionear, o amar é o fundamento do viver no bem-estar na aceitação implícita na legitimidade de toda a existência (2009, p. 83).

Ternura e amar possibilitam relações de convivência e de fazeres, em que o respeito e a aceitação acontecem de maneira espontânea, sem cobranças e sem exigir nada em troca. Trata-se de coexistir e conviver livre de preconceitos, discriminações e disputas recorrentes, de violências iteradas e ódios excludentes.

Na visão de Maturana e Yáñez (2009), o amar é um acontecer biológico que surge de maneira espontânea, sem esforço, é unidirecional e isento de expectativas, de metas a alcancar e de trocas compensatórias. Conforme os autores: "No amar uma pessoa, o outro, a outra, têm presença, vive-se o ser visto [...] no amar nos achamos no bem-estar psíquico e corporal, o que produz alegria e harmonia no viver e conviver" (2009, p. 226, grifo dos autores).

Ternura e amar contribuem na formação de um ser humano mais consciente e reflexivo em suas ações e condutas acerca do seu lugar no mundo. Ao refletir sobre "o que é a biologia do amar e qual sua importância para o desenvolvimento humano", em entrevista concedida a Mércia H. Sacramento e Adriano J. H. Vieira, em comemoração aos 10 anos do Mestrado em Educação da Universidade Católica de Brasília, Maturana enfatizou:

A biologia do amar é o fundamento biológico do mover-se de um ser vivo, no prazer de estar onde está na confianca de que é acolhido, seja pelas circunstâncias, seja por outros seres vivos. No caso dos seres humanos, isto é central na relação do bebê com sua mãe, com seu pai, com seu entorno familiar, que o vai permitir crescer como uma criança que vai ser um adulto que se respeita por si mesmo. Se você observa a história de crianças que se transformam em seres, chamemos assim, anti-sociais, vamos descobrir que sempre tem uma história da negação do amar, de ter sido criado na profunda violação de sua identidade, na falta de respeito, na negação de seu ser (2004, p. 1).

Nessa reflexão, Maturana evidencia a importância da família, instituição primeira das relações de coexistir e conviver entre os indivíduos que compõem o seio familiar e social desde a Era Psíquica Arcaica, há mais ou menos três milhões de anos. A família possui papel fundamental no desenvolvimento do ser humano, ela é uma referência para criar uma visão positiva de mundo, de si e do outro. De maneira concomitante e complementar, a organização humana escola cumprirá seu papel de educar se possibilitar que o sujeito se sinta respeitado, aceito, ajudado, para evitar que caia na negação de si, do outro e da biosfera.

Potencializar a vivência convivial de laços de ternura e amorosidade no seio familiar e no ambiente escolar é uma possibilidade para o desenvolvimento de pessoas mais amáveis, tolerantes, reflexivas e ternas em relações de convivência com o outro, bem como na formação de um ser humano mais justo, amável e digno de sua existência.

Ternura e amar sensibilizando para uma biofilia

A fim de reforçar a possibilidade de recriação de sensibilidade para com a biosfera, Restrepo (1998) convida a reconhecer e estender as redes de interdependência para além da emergência da singularidade humana. Para o autor, a ternura também implica a recuperação da sensibilidade ecológica como sensibilidade ecosófica, em sintonia com a ecoternura, pois somos ternos quando:

[...] abandonamos a arrogância de uma lógica universal e nos sentimos afetados pelo contexto, pelos outros, pela variedade de espécies que nos cercam. [...]. Nos abrimos à linguagem da sensibilidade, captando em nossas vísceras o prazer ou a dor do outro. [...]. Reconhecemos nossos limites e entendemos que a força nasce de compartilhar com os outros o alimento afetivo [...]. Fomentamos o crescimento da diferença, sem tentar nivelar aquilo que nos contrasta [...]. Abandonamos a lógica da guerra, protegendo os nichos afetivos e vitais para que não sejam contaminados pelas exigências de funcionalidade e produtividade a todo transe que pululam no mundo contemporâneo (RESTREPO, 1998, p. 84).

O convite de Restrepo (1998) ressalta que conviver num ecossistema humano - antroposfera - implica uma disposição sensível para reconhecer também a grande biosfera, suas diferencas, divergências e convergências, assumindo com ternura o que nos é oferecido como alimento e ornamento para o desenvolvimento humano.

No mundo contemporâneo, que sonha reconhecer a diversidade de paradigmas, que convive por entre crises econômicas e sociais, que semeia a possibilidade de relações líquidas, que alimenta a indiferença, a exclusão, a insensibilidade nas disputas de poder e dominação, carecem de confiança básica as condutas como ser humano e as relações desse humano para com a biosfera. Como afirma Foucault:

Quando um indivíduo ou um grupo social chega a bloquear um campo de relações, a torná--las imóveis e fixas e a impedir qualquer reversibilidade do movimento – por instrumentos que tanto podem ser econômicos quanto políticos ou militares -, estamos diante do que se pode chamar de um "estado de dominação" (2004a, p. 266).

Se muitos são os descasos, fomentados pelos "estados de dominação", no seio da antroposfera, muitos também são os descasos para com a biosfera. As precárias responsabilidade e sensibilidade clamam por experiências formativas, clamam por olhares reflexivos sobre nossos jeitos de agir em nossas inter-relações e nas inter--relações para com o ambiente natural – a biosfera. Talvez, a insensibilidade para com o outro, que poderia nos outorgar a ternura, amar e acolher, coloca-nos no contexto de insegurança em relação a si mesmo e, por isso, impede relações sadias e de respeito ao mundo, à biosfera.

Inerentes à biosfera, filhos da poeira cósmica (MORIN, 2003), por ela somos acolhidos, nutridos e confortados em ternura. Se o progresso tecnológico, característica das eras psíquicas Moderna e Pós-moderna, viabiliza e permite a dominação e a exploração destrutiva e sem limites dos recursos naturais, o domínio e a exploração destrutiva, no âmbito da antroposfera, é evidente a ascensão da desconfiança, que leva à angústia do estar só.

Uma pedagogia amparada na biologia do amar semeia a concepção de ser humano não somente como possuidor de um corpo, ele é corpo e, sendo corpo, é também o próprio universo, a própria biosfera. Existimos e somos uma relação direta com a terra, como também expressa uma das significações da palavra Adão, que, do hebraico adam, significa terra, e da palavra $\tilde{a}d\tilde{a}m\tilde{a}h$, também de origem hebraica, significa solo cultivável rico em húmus (HUBNER, 2016). Essas concepções são ajudas para se abrir à realidade de si próprio, do outro e do mundo, com confiança no encontro das raízes primeiras, raízes existenciais, e do existir conjuntamente com a terra-mãe, em ternura.

Os atuais e inúmeros descasos com a mãe natureza, como o excesso e o acúmulo de lixos, as poluições diversas e em grande escala, os desmatamentos, o uso intenso e extenso de agrotóxicos, são certamente resultados de uma falha ou da fragilidade de vivências e convivências com o universo animal, vegetal e inanimado. A frágil sensibilização para com o entorno não humano arrasta consigo a potencialização do desumano em suas relações com a biosfera.

A ternura, para Maturana e Yañez (2009), é a dinâmica das condutas relacionais por meio das quais um acolhe o outro, acolhe o entorno ambiente/biosfera, desde o domínio do amar. A ternura evoca o amar, enquanto o amar evoca a ternura. Ela possui a capacidade de acalmar a agressividade e os impulsos violentos de nossa dimensão demens, como base primeira no processo de humanização, o ser humano tende a estabelecer relações de confiança consigo e com o mundo. Amar como forma de partilhar um modo de vida capaz de dar lugar a relações intensas, que não se identificam com relações institucionalizadas, dentre elas a instituição escola. Nas palavras de Foucault:

Vivemos em um mundo relacional consideravelmente empobrecido pelas instituições. A sociedade e as instituições que constituem sua ossatura limitaram a possibilidade de relações, porque um mundo relacional rico seria extremamente complicado de administrar (2004b, p. 120).

Amar e ternura podem instigar para o exercício do desprendimento. Podem mobilizar atitudes de resistência ao que é subtraído do ser humano aluno, para voltar a interpelar o mundo, buscando sensibilidades para desencadear um processo de liberação das amarras que o subjugam, que limitam a realização de seus desejos numa relação consigo mesmo, tanto no âmbito da antroposfera quanto no da biosfera.

Considerações finais

Não é necessário grande esforço para perceber, no contexto atual da existência humana, a presença e a priorização de uma cultura agressiva, competitiva e muitas vezes cruel. Uma cultura traduzida em linguagens, em ações comportamentais de negação de si e de outros, cujo resultado evidencia a globalização da indiferença (PAPA FRANCISCO, 2013) e a dessubjetivação como pessoa.

A crise existencial humana, que envolve e incide em diversas circunstâncias, é também resultante de instabilidades das ordens formativa, social e econômica, entre outras. Saboreia-se um discurso normativo de uma minoria sobre uma majoria desfavorecida, enfatizando as benesses da competição do melhor ou mais forte, da ganância e da cobiça na acumulação de riquezas. Glorifica-se a exploração no trabalho e considera-se natural a alienação do ser humano de sua condição humana, cobrando-lhe instrumentalização. Numa vertente diferente, as palavras de Foucault são também forte convite:

É preciso cavar para mostrar como as coisas foram historicamente contingentes, por tal ou qual razão inteligíveis, mas não necessárias. É preciso fazer aparecer o inteligível sobre o fundo da vacuidade e negar uma necessidade; e pensar que o que existe está longe de preencher todos os espaços possíveis. Fazer um verdadeiro desafio inevitável da questão: o que se pode jogar e como inventar um jogo? (1981, p. 5).

Como contraponto potencializador de mudança desse enredo, ou um jogo que se pode jogar, trouxemos a mensagem dos possíveis sentires e fazeres baseados no amar, envoltos nos braços da ternura. Estamos cientes dos obstáculos a uma adoção apressada dessa envergadura, como horizonte de reconciliação e reconhecimento pelo outro, que pode tanto desempenhar o papel de obstáculo como de auxiliador ou de colaborador. Mesmo assim, acreditar e oportunizar experiências formativas, com base na biologia do amar, tornam primordial que acões pedagógicas tenham como linguajear a essência do amar gratuito e, na ternura, sigam os passos do cuidado como um cuidar que vela, que assiste e se mantém na proximidade, junto. Nessa dimensão, amar e ternura podem reanimar a dinâmica da sensibilização, visando à regeneração da confiança para consigo, com os outros, com as coisas do mundo e com a biosfera.

Na biologia do amar, traduzida em experiências formativas, repousa e pulsa a esperança do refazer-se, do envolver-se, do responsabilizar-se na constante imaturidade. Se o amar e a ternura compõem a complexidade da gênese humana, então, nada mais salutar do que sua transposição como ação pedagógica capaz de desencadear o transbordamento do dar-se ao receber, do ajudar-se ao ajudar, do encontrar-se consigo no encontro com um tu, do abraçar-se abraçando, do aprender-se na aprendência junto a outros.

Esse amar, uma temática transversal emergente, erige um perfil em torno do conversar e da confiança. Permite que alunos possam alegrar-se e entristecer-se juntos, com as vitórias e os fracassos de cada um no processo de aprendizagem, assumindo-se não somente de forma momentânea, mas numa forma que se estenda pela vida toda. Nas palavras de Foucault, "[...] ao se comportarem assim eles não cessam até a velhice de amar a sua mútua ternura" (1998, p. 178). Salas de aula compromissadas com encontros amistosos, uma experiência singular partilhada e produzindo sensibilidades capazes de mudanças menos formais, mas mais densas na esfera da vida de alunos e professores que se encontram, transitam e se formam na instituição escola.

Essa corresponsabilidade, como experiência partilhada, pode tornar possível convivências cotidianas no operar ético, uma das características da Era Psíquica Pós-pós-moderna, ou, quem sabe, da "Comunidade que vem", na qual um ser "qualquer" decide ser ou não ser, pois: "Há, de fato, algo que o homem é e tem de ser, mas esse algo não é uma essência, não é aliás, propriamente uma coisa: é o simples

fato da própria existência como possibilidade ou potência" (AGAMBEN, 2013, p. 45, grifo do autor).

Enfim, como afirmam Maturana e Yáñez (2009), o amanhã da humanidade não são as crianças, os adolescentes e os jovens, mas nós adultos, educadores em todas as instâncias, com os quais aqueles convivem, uma vez que serão adultos assemelhando-se ou distinguindo-se de nós, conforme sejamos nós mesmos adultos em nosso conviver com eles.

Notas

- 1 Segundo Maturana e Verden-Zoller: "Linguajear é o fluir em coordenações de coordenações comportamentais consensuais. Quando, numa conversação, muda a emoção, muda também o fluxo das coordenações de coordenações comportamentais consensuais. E vice-versa. Esse entrelacamento do linguajear com o emocionar é consensual e se estabelece na convivência" (2004, p. 262).
- Para Maturana e Verden-Zoller: "Emocionear é o fluxo de um domínio de acões a outro na dinâmica do viver. Ao existir na linguagem, movemo-nos de um domínio de ações a outro no fluxo do linguajear, num entrelaçamento consensual contínuo de coordenações de coordenações de comportamentos e emoções. É esse enlace do linguajear com o emocionear que chamamos de conversar, usando a etimologia latina da palavra, que significa 'dar voltas juntos'" (2004, p. 262).
- Maturana e Verden-Zoller concebem Matrística como "[...] uma cultura na qual homens e mulheres podem participar de um modo de vida centrado em uma cooperação não-hierárquica. Tal ocorre precisamente porque a figura feminina representa a consciência não-hierárquica do mundo natural a que nós, seres humanos, pertencemos, numa relação de participação e confiança, e não de controle e autoridade, e na qual a vida cotidiana é vivida numa coerência não-hierárquica com todos os seres vivos, mesmo na relação predador-presa" (2004, p. 25).

Referências

AGAMBEN, Giórgio. A comunidade que vem. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

FERNÁNDEZ, Nurva Martínez-Gayol. É possível uma teologia da ternura? Perspectiva Teológica, Belo Horizonte, a. XLII, n. 116, p. 45-75, jan./abr. 2010.

FOUCAULT, Michel. Da amizade como modo de vida. Entrevista de Michel Foucault a R. de Ceccaty, J. Danet e J. le Bitoux. Gai Pied, n. 25, p. 38-39, abr. 1981. (Tradução de Wanderson Flor do Nascimento). Disponível em: http://escolanomade.org/2016/02/12/599/>. Acesso em: 20 jun. 2017.

H	Iistória da sexualidade: o uso dos prazeres. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998. v. 2.
	ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: MOTTA, M. B. (Org.). Ética, sexua política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004a. v. 5. (Coleção Ditos & Escritos) 17.

. O triunfo social do prazer sexual: uma conversação com Michel Foucault. In: MOTTA, M. B. (Org.). Ética, sexualidade e política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004b. v. 5. (Coleção Ditos & Escritos). p. 119-125.

HUBNER, Manu Marcus. Um estudo sobre o termo □d□m na Bíblia Hebraica. Arquivo Maaravi. Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG, Belo Horizonte, v. 10, n. 19, nov. 2016. Disponível em: <www.periodicos.letras.ufmg.br>. Acesso em: 28 jun. 2017.

LEVINÁS, Emmanuel. Entre nós: ensaios sobre a alteridade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

MATURANA, Humberto. Emoções e linguagem na educação e na política. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

. Entrevista. Humanitates, Brasília, DF, Centro de Ciências de Educação e Humanidades, Universidade Católica de Brasília, v. 1, n. 2, nov. 2004. Disponível em: . Acesso em: dez. 2017.

MATURANA, Humberto; VERDEN-ZOLLER, Gerda. Amar e brincar: fundamentos perdidos do humano. São Paulo: Palas Athena, 2004.

MATURANA, Humberto; YAÑEZ, Ximena Dávila. Habitar humano em seis ensaios de biologia--cultural. São Paulo: Palas Athena, 2009.

MATURANA, Humberto et al. Matriz ética do habitar humano. Entrelacamento de sete âmbitos de reflexão-ação numa matriz biológico-cultural: democracia, pobreza, biosfera, economia, ciência e espiritualidade. 2009. Disponível em: <escoladeredes.net/group/bibliotecahumbertomaturana>. Acesso em: 18 abr. 2016.

MORIN, Edgar. Cabeca bem feita. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

PAPA FRANCISCO. Homilia proferida em Lampedusa, na Itália. 2013. Disponível em: http:// www.ihu.unisinos.br/noticias/521786-qadao-onde-estas-caim-onde-esta-o-teu-irmao-o-discurso--de-francisco-em-lampedusa>. Acesso em: 10 jul. 2013.

RESTREPO, Luiz Carlos. O direito à ternura. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.